

ARTIGO DE OPINIÃO

Por Francis Lacerda

Título: A La Niña não esfria mais o mundo, como no passado — o clima mudou

Há tempos confiamos em certos padrões para entender e prever o clima. Entre eles, os famosos e importantes El Niño e o La Niña — fenômenos que, ao aquecer ou resfriar as águas do Pacífico tropical equatorial, redistribuem calor e umidade pelo planeta. Mas e se estivermos vivendo o momento em que esses fenômenos climáticos já não funcionam como antes? E se o “normal”, em termos do clima estiver, simplesmente, desaparecendo?

A previsão da Organização Meteorológica Mundial (OMM) de que o La Niña poderá ocorrer entre setembro e dezembro de 2025, com probabilidade de até 60% - um dilema com um pano de fundo se estabelece: a crise climática. Mesmo sob a possibilidade da influência do fenômeno La Niña, as temperaturas globais devem continuar acima da média - entre 2020 e 2023, tivemos três La Niñas — e assim mesmo, o planeta vive alguns dos anos mais quentes da história.

É preciso se aprofundar e refletir. O La Niña atua resfriando a superfície do oceano Pacífico equatorial central e oriental. Esse resfriamento desencadeia mudanças nos padrões atmosféricos, afetando climas regionais — do Norte do Brasil à Ásia Oriental. No entanto, os oceanos estão tão mais quentes hoje do que em décadas anteriores e os parâmetros usados para definir esses fenômenos climáticos estão se tornando caducos.

Por muito tempo, padronizou-se uma média de no mínimo 30 anos para determinar se é uma anomalia, entendendo-a, como um desvio da média aritmética — ou seja, uma temperatura “anormalmente” quente ou fria. Mas quando o “normal” está em processo de aquecimento, o que significa uma anomalia fria? Foi esse dilema que forçou cientistas da NOAA* a mudar sua metodologia. Agora, cada bloco de cinco anos é comparado com sua própria média histórica de 30 anos. Essa mudança técnica é, na verdade, uma posição política e científica: **o clima como conhecíamos não existe mais!**

O que estamos vivenciando é que o planeta está perdendo a sua capacidade de "compensar" os efeitos da ação humana, como fez a centenas de milhares de anos – no pleistoceno (temperaturas mais frias, nível do mar mais baixo, CO₂ a 180 a 280ppm, extensão de gelo muito maior). Fenômenos naturais que, antes, resfriavam a Terra por meses, atualmente não conseguem atenuar o calor. La Niña, que geralmente “derrubava” as temperaturas globais, hoje foi subsumida pelo aquecimento. A crise climática não é um risco futuro: ela já foi incorporada pelos ciclos naturais.

No Brasil, ainda veremos efeitos regionais desse fenômeno — como chuvas no Norte, Nordeste e tempo seco no Sul —, mas, ainda assim, “o buraco é mais em baixo”: **o clima está em curso de mudanças - os indicadores físicos e químicos** monitorados globalmente mostram que o **sistema climático está em ‘crise’, ‘doente’** e exigem **intervenções urgentes** para mitigar e se adaptar às mudanças em curso. Precisamos parar de esperar que alguma força cósmica sobrenatural corrija nossos erros — e começar a enfrentá-los.

* **NOAA** é uma agência científica do governo dos Estados Unidos, vinculada ao **Departamento de Comércio**, responsável por estudar as condições dos oceanos, da atmosfera e do clima. Ela desempenha um papel central no monitoramento climático global, previsão do tempo, gestão de recursos marinhos e pesquisa ambiental.